

MÉTODOS DE PESQUISA



2ª edição

# PESQUISA no MUNDO REAL

**David E. Gray**





---

G778p Gray, David E.

Pesquisa no mundo real [recurso eletrônico] / David E. Gray  
; tradução: Roberto Cataldo Costa ; revisão técnica: Dirceu da  
Silva. – 2. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Penso, 2012.

Editado também como livro impresso em 2012.  
ISBN 978-85-63899-29-3

1. Metodologia. 2. Métodos de pesquisa. I. Título.

CDU 001.891

---

Catálogo na publicação: Ana Paula M. Magnus – CRB 10/2052

# 2

## Perspectivas teóricas e metodologias de pesquisa

### ✓ OBJETIVOS DO CAPÍTULO

Depois de ler este capítulo, você deverá ser capaz de:

- ✓ Diferenciar perspectivas epistemológicas e ontológicas na pesquisa.
- ✓ Diferenciar métodos indutivos e dedutivos.
- ✓ Explicar as diferentes perspectivas assumidas pelo positivismo e pelo interpretativismo.
- ✓ Descrever as diferentes metodologias de pesquisa e as condições para sua seleção.
- ✓ Diferenciar estudos de pesquisa exploratórios, descritivos, explicativos e interpretativos.

No Capítulo 1, vimos que o processo de pesquisa demanda envolvimento, em alguma etapa, com perspectivas teóricas. Às vezes, isso acontecerá antes de se realizar a pesquisa (**abordagem dedutiva**) e outras vezes, depois disso (**indutiva**). Mas permanece a pergunta: quais teorias? O propósito deste capítulo é examinar a gama de abordagens teóricas disponíveis e oferecer alguma orientação sobre quais delas são mais adequadas ao projeto ou às tarefas de pesquisa que você está realizando.

Esse processo está longe de ser simples. Principalmente se você é relativamente novo no estudo de perspectivas filosóficas, a

natureza das teorias e sua importância para as metodologias de pesquisa podem não ficar imediatamente óbvias. Além disso, a natureza e o sentido de algumas perspectivas filosóficas ainda são contestados e debatidos.

### RACIOCÍNIO INDUTIVO E DEDUTIVO

Examinamos brevemente a natureza e os usos da teoria – mas, em pesquisa, deveríamos começar com teoria ou a própria teoria deveria resultar da pesquisa? Dewey (1933) apresenta um paradigma geral de investigação que baseia a abordagem científica, consistindo de descoberta indutiva (**indução**) e prova dedutiva (dedução). A dedução começa com uma visão universal de uma situação e retorna aos aspectos particulares; a indução, ao contrário, avança de detalhes fragmentários para uma visão conectada da situação.

### O processo dedutivo

A abordagem dedutiva avança em direção à testagem de **hipóteses**, depois da qual se

### ✓ Dica Quente 2.1

Nesta etapa, sugere-se a leitura deste capítulo sem se ater muito a cada seção. Se parte da discussão parecer um tanto abstrata, não se preocupe, siga em frente. Recomenda-se voltar ao capítulo em um momento posterior, quando se espera que sua relevância esteja mais clara e ele seja mais facilmente absorvido.

confirma, refuta ou modifica o princípio. Essas hipóteses apresentam uma afirmação sobre dois ou mais conceitos, a qual tenta explicar o relacionamento entre eles. Os próprios conceitos são ideias abstratas que constituem tijolos para a construção de hipóteses e teorias. A primeira etapa, portanto, é a elaboração de um conjunto de princípios e ideias aliadas que, depois, são testadas por meio de observação empírica ou experimentação. No entanto, antes que essa experimentação possa acontecer, os conceitos subjacentes devem ser operacionalizados (tornados mensuráveis) de tal maneira que possam ser observados para confirmar que ocorreram. Assim, são criadas medidas e indicadores. Por exemplo, para se realizar pesquisas sobre como melhorar comunicações organizacionais, teríamos que estabelecer antes uma definição operacional de “comunicação” dentro do contexto de interações organizacionais. Por meio da criação de indicadores operacionais, há uma tendência a medir e coletar dados apenas sobre o que

pode realmente ser observado, acabando-se por descartar evidências subjetivas ou intangíveis. O Quadro 2.1 apresenta um resumo do processo.

## O processo indutivo

Pelo processo indutivo, planeja-se a coleta de dados, depois da qual os dados são analisados para verificar se há qualquer padrão que sugira relações entre as variáveis. A partir dessas observações, pode ser possível construir generalizações, relações e até mesmo teorias.

Por meio da indução, o pesquisador avança para descobrir um princípio unificador, cuidando para não fazer **inferências** nem tirar conclusões apressadas com base nos dados. Para garantir um certo grau de confiabilidade, muitas vezes se tomam vários casos ou exemplos, como multiplicar observações em vez de basear as conclusões em um caso (ver a Figura 10.4, Capítulo 10).

### QUADRO 2.1

#### Resumo do processo dedutivo dentro de um contexto organizacional

Etapas no processo de dedução	Ações realizadas
Missão da organização	Ler e levar em consideração.
Teoria	Escolher uma teoria ou um conjunto delas que seja mais adequado ao tema investigado.
Hipótese	Produzir uma hipótese (uma proposição testável sobre a relação entre dois ou mais conceitos).
Operacionalizar	Especificar o que o pesquisador deve fazer para mensurar um conceito.
Testar por corroboração ou tentativa de falsificação	Comparar dados observáveis com a teoria. Se corroborada, supõe-se que a teoria tenha sido estabelecida.
Examinar resultados	Aceitar ou rejeitar a hipótese a partir dos resultados.
Modificar a teoria (se necessário)	Modificar a teoria se a hipótese for rejeitada.

Não seria verdadeiro dizer que o processo indutivo ignora completamente teorias ou ideias preexistentes quando aborda um problema. O simples fato de uma questão ter sido escolhida para ser pesquisada implica avaliações sobre o que é um tema importante para a pesquisa, e essas escolhas dependem de valores e conceitos. Isso pode ajudar a formular um propósito geral da pesquisa. Porém, a abordagem indutiva não se dispõe a corroborar ou refutar uma teoria. Em vez disso, por meio de um processo de coleta de dados, tenta estabelecer padrões, constâncias e sentidos.

## Combinando os métodos indutivo e dedutivo

Os processos indutivo e dedutivo, contudo, não se excluem mutuamente. Adaptando a formulação de Dewey (1933) a um problema moderno, digamos que se tenha pedido a um pesquisador que investigue o problema do absenteísmo dos funcionários no trabalho. Tomando-se uma seleção de fatos (índices de absenteísmo no decorrer do tempo, em diferentes departamentos e entre níveis hierárquicos) o pesquisador consegue formular uma teoria (abordagem indutiva) de que o absenteísmo está relacionado a padrões de trabalho (ver a Figura 2.1).

Isso é particularmente comum entre trabalhadores de cargos inferiores, sujeitos a supervisão e controle rigorosos. A seguir, o pesquisador se interessa em saber quais outros impactos essa forma de controle pode ter sobre as práticas de trabalho (abordagem dedutiva). Formula-se uma hipótese de trabalho segundo a qual essa supervisão exagerada produziu baixo moral e, portanto, baixos níveis de produtividade entre setores da força de trabalho. Essa hipótese é testada pela introdução de novos padrões de trabalho em alguns setores, mas não em outros (uma abordagem experimental utilizando um grupo-controle), para comparar níveis de produtividade entre setores tradicionalmente supervisionados e aqueles que usam os novos métodos de supervisão. A Figura 2.1 apresenta um resumo desse processo.



### ATIVIDADE 2.1

Para seu próprio projeto de pesquisa, reflita se pretende adotar uma abordagem indutiva, dedutiva ou uma combinação de ambas. Liste três razões para sua opção.



 **FIGURA 2.1**

Uma ilustração de como os métodos indutivo e dedutivo podem ser combinados.

## PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS E ONTOLÓGICAS

No Capítulo 1, examinamos a natureza das teorias e sua relação com a prática. Agora, precisamos explorar o leque de teorias disponível a nós como pesquisadores e como podemos fazer uma opção entre eles. Como demonstra Crotty (1998), o problema, neste caso, não é apenas a enorme quantidade de perspectivas teóricas e metodologias, mas também o fato de que a terminologia aplicada a elas costuma ser inconstante (ou até mesmo contraditória). Crotty sugere que há uma relação entre a postura teórica adotada pelo pesquisador, a metodologia e os métodos usados, e a visão que ele tem de **epistemologia** (ver a Figura 2.2).

Apesar da tendência natural do pesquisador (principalmente o novato!) a escolher um método de coleta de dados e seguir adiante com a tarefa, a escolha de métodos será influenciada pela **metodologia de pesquisa** escolhida. Essa metodologia, por sua vez, será influenciada pelas perspectivas teóricas adotadas pelo pesquisador, e, por sua vez, por sua postura epistemológica.

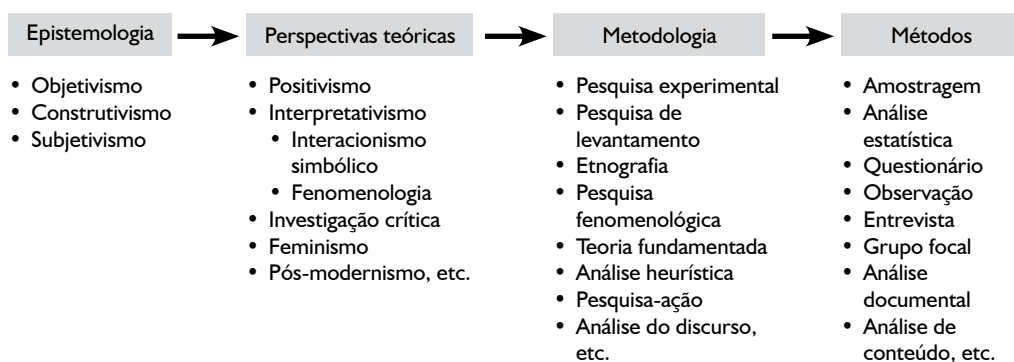
**Ontologia** é o estudo do ser, ou seja, da natureza da existência. Enquanto a ontologia corporifica entender *o que é*, a epistemologia tenta entender *o que significa o saber*. A epistemologia proporciona um pano de fundo filosófico para decidir quais os tipos de conhecimento são legítimos e adequados.

O pensamento ocidental permanece dividido por suas tradições ontológicas opostas. Heráclito (aprox. 535-aprox. 475 a.C.), que viveu em Éfeso, na Grécia antiga, dava ênfase a um mundo em transformação e emergente. Parmênides (aprox. 515-aprox. 445 a.C.), que o sucedeu, adotava uma ênfase bastante diferente, em uma realidade permanente e imutável. Entre uma ontologia heraclitiana do *dever* e uma ontologia parmenidiana do *ser*, a última teve mais influência na filosofia ocidental. Portanto, a realidade é vista como composta de entidades claramente formadas, com propriedades identificáveis (em contraste com a ênfase heraclitiana na falta de forma, no caos, na interpenetração e na ausência). Uma vez

consideradas estáveis, as entidades podem passar a ser representadas por símbolos, palavras e conceitos. Dessa forma, uma epistemologia representacionalista resulta em quais sinais e linguagem são considerados representações precisas do mundo exterior. Essa epistemologia representacionalista orienta nosso pensamento para resultados e estados-finais em vez de processos de mudança. Segundo Chia (2002), apenas em um momento relativamente recente a epistemologia pós-moderna questionou a ontologia tradicional do *ser* com noções de uma orientação pelo *dever* e as limitações da busca da verdade.

Seria um equívoco, contudo, considerar que a ontologia do *ser* leva a posições epistemológicas que sejam unitárias ou holísticas. Como pode ser visto na Figura 2.2, pelo menos três posições surgiram. A epistemologia objetivista, por exemplo, sustenta que a realidade existe independentemente da consciência – em outras palavras, há uma realidade objetiva “lá fora”. Sendo assim, a pesquisa visa descobrir essa verdade objetiva. Uma perspectiva teórica intimamente relacionada ao objetivismo é o **positivismo**. O **construtivismo**, por sua vez, rejeita essa visão do conhecimento humano. A verdade e o sentido não existem em um mundo externo, mas são criados pelas interações do sujeito com o mundo. O sentido é *construído*, e não descoberto, então os sujeitos constroem seus sentidos de várias formas, inclusive com relação ao mesmo fenômeno. Uma perspectiva teórica relacionada ao construtivismo é o interpretativismo. Mesmo assim, embora tenham posições epistemológicas diferentes, interpretativismo e objetivismo ainda estão baseados em uma ontologia do *ser* (Chia, 2002).

Diferente do construtivismo, para o subjetivismo, o sentido não surge da interação entre o sujeito e o mundo exterior, e sim é imposto sobre o objeto pelo sujeito. Os sujeitos constroem sentido, mas o fazem de dentro do inconsciente coletivo, a partir dos sonhos, das crenças religiosas, etc. Apesar da afirmativa de Crotty de que esse é “o mais escorregadio dos termos” (1998, p. 183), o pós-modernismo pode ser tomado como um exemplo de uma



✓ **FIGURA 2.2**

Relação entre epistemologia, perspectivas teóricas, metodologia e métodos de pesquisa (adaptado de Crotty, 1998).

perspectiva teórica relacionada ao subjetivismo (e à ontologia do *devenir*).

Como apontam Easterby-Smith e colaboradores (2002), é importante ter uma perspectiva epistemológica, por várias razões. Em primeiro lugar, pode ajudar a esclarecer questões relacionadas ao desenho de pesquisa. Isso significa mais do que simplesmente o desenho das ferramentas de pesquisa; significa a estrutura geral da pesquisa, incluindo o tipo de evidência que está sendo coletada, de onde e como ela será interpretada. Segundo, um conhecimento da filosofia de pesquisa ajudará o pesquisador a reconhecer quais desenhos funcionarão (para um determinado conjunto de objetivos) e quais não.

## PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Das diferentes perspectivas teóricas disponíveis, o positivismo e as várias linhas do interpretativismo estão (ou pode-se dizer que estiveram) entre as mais influentes. Essas e uma série de outras posturas, como a investigação crítica, o pós-modernismo e o feminismo, serão utilizadas aqui para ilustrar o valor de se adotarem perspectivas teóricas que sejam congruentes com a epistemologia do pesquisador e demonstrar os tipos de metodologias de pesquisa que surgem a partir delas.

## Positivismo

O positivismo foi o paradigma epistemológico dominante das ciências sociais a partir da década de 1930 e até a de 1960, e seu argumento central era que o mundo social existe externamente ao pesquisador e que suas propriedades podem ser medidas diretamente por meio da observação. Em essência, o positivismo afirma que:

- ✓ A realidade consiste no que está disponível aos sentidos – ou seja, o que pode ser visto, cheirado, tocado, etc.
- ✓ A investigação deve se basear na observação científica (e não na especulação filosófica) e, portanto, na investigação empírica.
- ✓ As ciências naturais e humanas têm princípios lógicos e metodológicos comuns, lidando com fatos e não com valores.

Dessa forma, as ideias só merecem ser incorporadas ao conhecimento se puderem ser testadas em relação às evidências empíricas. Os positivistas consideravam que as ciências naturais avançavam por meio da acumulação paciente de fatos em relação ao mundo, para produzir generalizações conhecidas como leis científicas. Para isso, o ato da investigação científica era tido como a acumulação de “dados brutos”, por

exemplo, forma, tamanho, movimento, etc. Para os positivistas, tanto o mundo natural quanto o social operava dentro de um conjunto estrito de leis, que a ciência tinha que descobrir por meio da investigação empírica. Esse é um breve resumo do positivismo, mas, como observa Bryman (2007a), houve muitas versões diferentes que se sobrepõem e que raramente estão exatamente de acordo em seus componentes essenciais.

### **O argumento contra o positivismo**

O positivismo já foi descrito como “um dos fracassos heroicos da filosofia moderna” (Williams e May, 1996, p. 27). Como mostram Hughes e Sharrock (1997), um dos erros fundamentais do positivismo está em algumas das premissas feitas sobre a investigação científica. Com certeza, a ciência está interessada em produzir explicações teóricas, mas não apenas com base no que pode ser observado. Na verdade, alguns ramos da ciência consistem quase que totalmente em formulações matemáticas. As conclusões sobre os buracos negros e as partículas subatômicas, por exemplo, surgiram a partir das evidências mais indiretas. Geralmente, a ciência não começa com a observação, e sim com a teoria, para fazer observações inteligíveis. Dessa forma, mesmo as observações são “carregadas de teoria” (Williams e May, 1996).

Adotar uma postura positivista não é apenas uma questão de adotar determinadas abordagens ao desenho dos estudos de pesquisa. Como indica Crotty (1998), ela implica que os resultados da pesquisa tendam a ser apresentados como fatos objetivos e verdades estabelecidas. Popper (1968), contudo, sugere que nenhuma teoria pode, jamais, ser provada simplesmente por múltiplas observações, pois um único caso que a refute demonstraria sua falsidade. Segundo Popper, não se pode provar que uma teoria é verdadeira, só se pode provar que é falsa. Dessa forma, com a abordagem dedutiva, as teorias são testadas por meio da observação, levando à refutação e ao descarte da teoria ou à criação de leis até então não refutadas.

A ciência normal consiste em ampliar o conhecimento dos fatos que um **paradigma** sugere serem especialmente importantes, ampliando a correspondência entre esses fatos e as previsões do paradigma, e por meio de formulações aprofundadas do próprio paradigma. No entanto, a ciência normal é uma solucionadora de quebra-cabeças e, se não conseguir resolver problemas repetidamente, o fracasso das regras existentes levará a uma busca de novas.

Isso faz parte do que Kuhn (1996) chamou de crise de paradigma. É uma crise que pode se transformar em uma revolução se as anomalias continuarem e novas pessoas entrarem no campo, como pesquisadores que não estão comprometidos com as antigas regras da ciência normal e que são capazes de conceber um novo conjunto delas.

O Estudo de Caso 2.1 ilustra como paradigmas obstinadamente existentes resistem a mudanças, mesmo diante do surgimento de evidências que contradigam fortemente seus princípios fundamentais.



#### **ATIVIDADE 2.2**

Escolha uma teoria aceita (p. ex., em administração, educação ou em sua área profissional) que tenha se tornado menos popular ou mesmo desacreditada aos olhos de alguns (teóricos e/ou profissionais) e mostre como surgiram teorias alternativas. Quais fatores surgiram para desacreditar a teoria que um dia foi “aceita”? Quais ajudaram a promover a teoria alternativa que surgiu?

Já vimos que, pelo menos nas ciências sociais, muitas das certezas afirmadas pelo positivismo sobre a natureza e os resultados da investigação científica foram muito questionadas. Deve-se observar, contudo, que algumas das abordagens à pesquisa desenvolvidas sob o positivismo, como a insistência na investigação empírica, o uso de desenhos experimentais e a generalização indutiva (para citar apenas três) ainda estão presentes (como veremos nos próximos



## ☑ Estudo de Caso 2.1

### O CONFLITO DE PARADIGMAS

No dia 22 de junho de 1633, Galileu Galilei foi levado a julgamento pela Inquisição, em Roma. Acusado de heresia, esse idoso de 69 anos foi ameaçado com tortura, prisão e até de queimar na fogueira se não renunciasse à sua afirmação de que o sol, e não a Terra, era o centro do universo, e que esta girava em torno daquele e não o contrário.

A ideia de um universo centrado na Terra foi enunciada pela primeira vez por Ptolomeu de Alexandria, em 150 d.C.. A beleza do sistema ptolomaico estava no fato de funcionar com alguma precisão, possibilitando aos astrônomos prever, por meio de geometria complexa, os movimentos dos corpos celestes. Mais tarde, essas ideias geocêntricas (centradas na Terra) se enraizaram nos ensinamentos da Igreja, em muito porque se ajustavam bem à noção cristã da centralidade da humanidade (Hellman, 1998). Dessa forma, a teoria ptolomaica se tornou uma combinação de ciência, filosofia e ideias religiosas. Observe o relacionamento antigo entre ciência e filosofia!

Em 1543, Nicolau Copérnico, cônego da Igreja Católica polonesa, questionou o paradigma ptolomaico aceito com um sistema heliocêntrico (centrado no sol), mas o livro estava escrito em latim e pouco foi lido. Um século depois, a repetição dessas ideias por Galileu em *Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo, ptolomaico e copernicano* (1632) foi escrita em italiano. Como tal, ficou amplamente acessível e foi considerada pelo papa Urbano VIII como uma ameaça direta aos ensinamentos da Igreja.

Sob acusação da Inquisição, Galileu retratou-se. Essas ameaças, afinal de contas, não eram à toa. Um amigo, Bruno, que tinha defendido a ideia de um universo infinito, fora julgado pela Inquisição, recusara-se a se retratar e foi queimado na fogueira em 1600. É claro que a Igreja não conseguiu suprimir completamente o *Diálogo*. Na verdade, ele foi publicado na Inglaterra antes da morte de Galileu, em 1642, mas o julgamento diante da Inquisição é um exemplo interessante da reação violenta que pode ser gerada quando ideias novas e muito abrangentes entram em conflito aberto com os interesses de paradigmas há muito aceitos e com a natureza arraigada desses paradigmas.

capítulos) de uma forma ou de outra. Em geral, porém, vivemos agora em um mundo **pós-positivista**, no qual surgiu uma série de perspectivas alternativas (p. ex., antipositivista, pós-positivista e naturalista).

## Interpretativismo

Uma importante postura antipositivista é o **interpretativismo**, que busca “interpretações culturalmente derivadas e historicamente situadas do mundo da vida social” (Crotty, 1998, p. 67). Não há relação direta,

um a um, entre nós (sujeitos) e o mundo (objeto). O mundo é interpretado por meio de esquemas de classificação da mente (Williams e May, 1996). Em termos de epistemologia, o interpretativismo está intimamente relacionado ao construtivismo. O interpretativismo afirma que a realidade natural (e as leis da ciência) e a realidade social são diferentes e, assim, demandam tipos diferentes de métodos. Embora as ciências naturais estejam em busca de coerências nos dados para deduzir “leis” (**nomotéticas**), as ciências naturais muitas vezes lidam com as ações do indivíduo (**ideográficas**).

Nosso interesse no mundo social tende a se voltar exatamente àqueles aspectos que são singulares, individuais ou qualitativos, enquanto nosso interesse no mundo natural se concentra em fenômenos mais abstratos, ou seja, os que apresentam regularidades quantificáveis e empíricas. (Crotty, 1998, p. 68)

Examinemos, agora, cinco exemplos da abordagem interpretativista: **interacionismo simbólico**, **fenomenologia**, **realismo**, **hermenêutica** e investigação naturalista.

### **Interacionismo simbólico**

O interacionismo simbólico cresceu na década de 1930 a partir dos filósofos pragmáticos norte-americanos, incluindo John Dewey e o psicólogo social George Herbert Mead. Esses filósofos compartilhavam um desencantamento com o que consideravam a irrelevância da filosofia e das ciências sociais contemporâneas. Em lugar disso, queriam desenvolver uma forma de conceituar o comportamento humano voltada para as práticas e realidades que as pessoas vivenciavam. A noção de sentido é central ao comportamento humano. A interação humana com o mundo é mediada por meio do processo de produção de sentido e interpretação. Os preceitos essenciais do interacionismo simbólico são:

- ✓ As pessoas interpretam o sentido dos objetos no mundo e depois agem a partir dessas interpretações.
- ✓ Os sentidos surgem do processo de interação social.
- ✓ Os sentidos são assimilados e modificados por um processo interativo utilizado pelas pessoas para lidar com os fenômenos encontrados.

Sendo assim, os sentidos não são fixos nem estáveis, e sim revisados com base na experiência. Isso inclui a definição de *self* e de quem somos. Por exemplo, se alguém é promovido de supervisor a gerente, sua

percepção de si mesmo e da empresa pode mudar, o que, por sua vez, muda o sentido dos objetos e, portanto, do comportamento.

Para entender esse processo, os pesquisadores têm que estudar as ações de um sujeito, os objetos e a sociedade da perspectiva do próprio sujeito. Na prática, isso pode significar entrar no contexto e observar em primeira mão o que está acontecendo. Os tipos de metodologias de pesquisa que costumam ser associados ao interacionismo simbólico incluem a etnografia e o uso dos métodos de observação participante (Capítulo 15) e teoria fundamentada (Capítulo 18).

### **Fenomenologia**

A fenomenologia sustenta que qualquer tentativa de entender a realidade social deve se basear nas experiências das pessoas com essa realidade. Portanto, a fenomenologia insiste que devemos colocar de lado nosso entendimento prévio dos fenômenos e re-visitar nossa experiência imediata com eles para que venham à tona novos sentidos. Os entendimentos atuais têm que ser colocados “entre parênteses” tanto quanto for possível, para permitir que os fenômenos “falem por si”, sem ser adulterados por nossas noções preconcebidas. O resultado será um sentido novo, um sentido mais integral e um sentido renovado. Tenta-se evitar que os preconceitos dos pesquisadores imponham viés aos dados. A chave está em captar a experiência subjetiva do sujeito, às vezes tentando se colocar em seu lugar. Assim, a fenomenologia se torna uma exploração, por meio da experiência pessoal, de entendimentos culturais predominantes. Atribui-se valor não apenas às interpretações dos pesquisadores, mas também aos próprios sujeitos da pesquisa.

Longe de utilizar um modelo teórico que imponha uma lógica externa sobre um fenômeno, essa abordagem indutiva busca encontrar a lógica interna do sujeito. O Quadro 2.2 apresenta um resumo de algumas das principais distinções entre positivismo e fenomenologia.

Tesch (1994) distingue pesquisa fenomenológica e **etnografia**. Embora ambas

### QUADRO 2.2

#### Resumo de paradigmas positivistas e fenomenológicos

	Paradigma positivista	Paradigma fenomenológico
Visões básicas	<p>O mundo é um objeto externo e objetivo.</p> <p>O observador é independente.</p> <p>A ciência é desprovida de valores.</p>	<p>O mundo é construído socialmente e subjetivo.</p> <p>O observador faz parte do que está sendo observado.</p> <p>A ciência é movida por interesses humanos.</p>
O pesquisador deve	<p>Concentrar-se em fatos.</p> <p>Identificar a causalidade entre variáveis.</p> <p>Formular e testar hipóteses (abordagem dedutiva).</p>	<p>Concentrar-se no sentido.</p> <p>Tentar compreender o que está acontecendo.</p> <p>Construir teorias e modelos a partir dos dados (abordagem indutiva).</p>
Os métodos incluem	<p>Operacionalizar conceitos para que possam ser mensurados.</p> <p>Usar amostras grandes a partir das quais generalizar à população.</p> <p>Métodos quantitativos.</p>	<p>Usar múltiplos métodos para estabelecer diferentes visões de um fenômeno.</p> <p>Usar amostras pequenas pesquisadas em profundidade no decorrer do tempo.</p> <p>Métodos qualitativos.</p>

Fonte: Adaptado de Easterby-Smith et al., 2002.

se baseiem em descrição e interpretação, a pesquisa etnográfica se concentra mais na cultura e na fenomenologia, na experiência humana com o “mundo da vida”. Dessa forma, enquanto a **unidade de análise** da fenomenologia geralmente é o indivíduo, a etnografia faz uso de “lugares”. A fenomenologia faz uso quase exclusivo de entrevistas, ao passo que a maneira fundamental de coleta de dados da etnografia é a observação (na condição de observador participante ou externo), que às vezes é complementada por dados obtidos por meio de entrevista para mais esclarecimento. Os etnógrafos prestam atenção especial à linguagem e às formas com que os termos são utilizados em determinadas culturas. Um resumo das distinções entre a pesquisa fenomenológica e a etnografia é apresentado no Quadro 2.3.

### Realismo

O realismo parte da posição de que o quadro que a ciência pinta do mundo é verdadeiro e preciso (Chia, 2002). Para o pesquisador realista, os objetos de pesquisa, como “cultura”, “a organização”, “planejamento empresarial”, existem e agem de forma bastante independente do observador, estando tão disponíveis para a análise sistemática quanto os fenômenos naturais. Sendo assim, o conhecimento é aprimorado por meio do processo de construção de teoria no qual as descobertas se somam ao que já se sabe. Embora a realidade inclua entidades, estruturas e eventos, o realismo sustenta que alguns “fatos” observáveis podem ser apenas ilusões. Por outro lado, talvez haja fenômenos que não possam ser observados, mas ainda assim existem. Em geral, o realismo

**QUADRO 2.3****Distinções entre pesquisa fenomenológica e etnografia**

<b>Etnografia</b>	<b>Pesquisa fenomenológica</b>
Estudo da cultura	Estudo da experiência humana no “mundo da vida”
Descobrir a relação entre cultura e comportamento	Explorar a construção pessoal do mundo do indivíduo
Estudar “lugares”	Estudar indivíduos
O maior número de informantes possível	Entre 5 e 15 “participantes”
Uso de observação e algumas entrevistas	Uso de entrevistas em profundidade e não estruturadas
Unidade de análise: evento	Unidade de análise: unidade de sentido
Confiabilidade: triangulação	Confiabilidade: confirmação por parte dos participantes

Fonte: Adaptado de Tesch, 1994.

sustenta que há uma realidade externa “lá fora” que pode ser mensurada – mas pode ser difícil conseguir fazer isso.

### **Hermenêutica**

A tradição hermenêutica está muito associada à filosofia alemã do século XIX, mas também estabelece conexões com a fenomenologia e a psicanálise de Freud. Segundo uma perspectiva hermenêutica, a realidade social é considerada socialmente construída em vez de ser enraizada nos fatos objetivos. Portanto, a hermenêutica afirma que a interpretação deveria ser mais relevante do que a explicação e a descrição. A realidade social é complexa demais para ser entendida por meio de um processo de observação. O cientista deve interpretar para atingir níveis mais profundos de conhecimento e também de autoentendimento.

### **Investigação naturalista**

Segundo Lincoln e Guba (1994), no **paradigma naturalista** há várias realidades

construídas que só podem ser estudadas holisticamente. A investigação nessas várias realidades levanta mais perguntas do que responde, de modo que a previsão e o controle de resultados é uma expectativa altamente fútil, embora se possa atingir algum nível de entendimento (Guba, 1985).

A própria investigação não pode ser separada da perspectiva do pesquisador e está carregada de valores a ela relacionados. Em vez de visar a generalização, a investigação desenvolve um corpo ideográfico de conhecimento que descreve casos individuais, dentro dos quais são feitas inferências plausíveis sobre eventos e processos, mas sem conseguir sustentar causalidade. Os fenômenos só podem ser entendidos dentro de seu ambiente ou contexto; não podem ser isolados nem mantidos constantes enquanto outros são manipulados. O mundo real é demasiado complexo, diverso e interdependente para isso (Lincoln, 1985). Os desenhos de pesquisa não podem ser especificados previamente, e sim “emergem, desenrolam-se, sucedem-se ou desdobram-se durante o processo de pesquisa” (Lincoln, 1985, p. 142). Como os naturalistas acreditam no conceito

de realidades múltiplas e construídas, seria incongruente especificar esses desenhos de antemão, mas os tipos de pesquisa geralmente escolhidos por investigadores naturalistas são os mais intimamente associados a um componente humano: entrevista, observação participante, análise de documentos e conteúdo (e outras formas de medidas não invasivas).

## Investigação crítica

Vale a pena fazer um breve panorama sobre a **investigação crítica**, já que ela oferece uma perspectiva bastante diferente em relação ao positivismo e ao interpretativismo. Essa forma crítica de pesquisa é um metaprocesso de investigação, o qual questiona valores e pressupostos correntes e desafia as estruturas sociais convencionais. Ela conclama pesquisadores e participantes a descartar o que chama de “falsa consciência”, para desenvolver novas formas de entender, as quais sirvam de guia para a ação efetiva. No sentido marxista, a perspectiva da investigação crítica não se contenta com interpretar o mundo, mas também busca transformá-lo. Os pressupostos que estão por trás da investigação crítica são:

- ✓ As ideias são mediadas pelas relações de poder na sociedade.
- ✓ Certos grupos na sociedade são privilegiados em relação a outros e exercem uma força opressora sobre os grupos subordinados.
- ✓ Aquilo que se apresenta como “fatos” não pode ser desenredado da ideologia e do interesse próprio dos grupos dominantes.
- ✓ As práticas de pesquisa predominantes estão implicadas, mesmo que inconscientemente, na reprodução do sistema de opressão de classe, raça e gênero.

Quem adere à perspectiva da investigação crítica acusa os interpretativistas de adotar uma postura acrítica diante da cultura que estão explorando, quando a tarefa

dos pesquisadores é questionar estruturas e valores da sociedade.

## Feminismo

Assim como o marxismo e a investigação crítica, as epistemologias feministas assumem a visão de que o conhecimento de uma pessoa é determinado em muito por sua posição social. Enquanto o marxismo define classe social em termos da relação da pessoa com os meios de produção, o feminismo considera as próprias mulheres como uma classe social oprimida. Como os homens vêm de uma posição de domínio, seu conhecimento do mundo é distorcido. As mulheres, por sua vez, estando submetidas à dominação, têm uma experiência social menos distorcida, com potencial para gerar afirmações de conhecimento com menos distorções (Williams e May, 1996). Também se questiona aquilo que conta como conhecimento. Tentativas de abordagem racional e objetiva da pesquisa são consideradas como iniciativas de pesquisadores homens, refletindo e priorizando os valores masculinos. Em contraste, as mulheres têm acesso a uma realidade mais profunda por meio de suas experiências pessoais (de opressão) e seus sentimentos e emoções.

## Pós-modernismo

O **pós-modernismo** está longe de ser um sistema de pensamento unificado, e às vezes a expressão é utilizada de forma intercambiável com conceitos como desconstrução e pós-estruturalismo. Surgido da decepção de intelectuais franceses com o marxismo, depois dos eventos de 1968, o pós-modernismo não era apenas um ataque ao positivismo, mas a toda a agenda da modernidade e, particularmente, ao marxismo (Delanty, 1997). O pós-modernismo rejeita qualquer noção de “emancipação” social, enfatizando, em vez disso, a multiplicidade, a ambiguidade, a ambivalência e a fragmentação. Enquanto filósofos como Habermas consideraram a fragmentação como negativa e uma ameaça

à comunicação, o pós-modernismo a considera bastante positiva, como uma oportunidade para a escolha. Assim, a análise pós-moderna muitas vezes se concentra em temas no âmbito da propaganda, do estilo de vida, da moda, da subcultura e do gênero.

Em termos de pesquisa, a tarefa básica passa a ser a desconstrução de textos para expor como os valores e os interesses estão embutidos neles (Williams e May, 1996). O foco deixa de ser a forma como esses textos descrevem a “realidade” do mundo e passa a ser como o mundo social é representado e como se produzem sentidos. Os textos, assim, são considerados práticas sociais, carregados de múltiplos valores e interesses, e não o relato de julgamentos objetivos e independentes. Como vimos, ao contrário de outras epistemologias, o pós-modernismo enfatiza uma ontologia do *devenir*.

## METODOLOGIAS DE PESQUISA

Examinamos, brevemente, a importância da epistemologia e das perspectivas teóricas no desenho de pesquisa. Agora, vejamos sua aplicação na prática explorando algumas das opções metodológicas.

A metodologia de pesquisa escolhida é determinada por uma combinação de vários fatores, por exemplo, se o pesquisador acredita que haja algum tipo de “verdade” externa que precisa ser descoberta, ou seja, a tarefa de pesquisa é explorar e identificar as múltiplas perspectivas das pessoas em ambientes naturais, em campo. Portanto, ela é influenciada pela inclinação da pesquisa a uma perspectiva positivista, interpretativista ou outra. Também é influenciada, por exemplo, pela atitude do pesquisador diante das formas com que acha que a teoria deve ser aplicada – se a pesquisa deve começar com um modelo ou perspectiva teórica (abordagem dedutiva) ou se esses modelos deveriam surgir dos próprios dados (indutivamente).

Ao examinar cada uma das metodologias de pesquisa a seguir (escolhidas para ilustrar uma série de abordagens), faça uma pausa a cada vez, para refletir se você

acha que se inclina a uma ontologia mais do “ser” ou do “devenir”. Para cada metodologia, apresenta-se um estudo de caso para lhe auxiliar.

## Pesquisa experimental e quase-experimental

Nos experimentos científicos clássicos, os sujeitos são atribuídos de forma aleatória a um grupo experimental ou a um grupo-controle. O primeiro recebe o “tratamento” e os resultados são comparados com o segundo, que não o recebe. No mundo real, contudo, muitas vezes não é possível realizar pesquisa verdadeiramente experimental, pois é difícil encontrar grupos experimentais e grupos-controle que sejam muito próximos em termos de suas variáveis fundamentais (como idade, gênero, renda, nível profissional, etc.). Em lugar disso, usa-se um desenho quase-experimental, em que o pesquisador, por exemplo, tem de partir dos grupos existentes em vez de utilizar amostras aleatórias. Em vez de tentar manipular uma variável independente, o pesquisador muitas vezes tentará encontrar grupos de pessoas que a tenham vivenciado em seu próprio ambiente natural. Tenta-se comparar o comportamento desse grupo com o do grupo semelhante que não vivenciou o evento ou fenômeno.

Na pesquisa experimental ou quase-experimental, também há a tendência de utilizar hipóteses que o experimento busca confirmar ou refutar. Em outras palavras, a pesquisa experimental geralmente é dedutiva. Sendo assim, a pesquisa experimental e quase-experimental enfatiza:

- ✓ Reprodução de técnicas do experimento de laboratório com métodos altamente estruturados.
- ✓ Geração de hipóteses iniciais.
- ✓ Controle de variáveis.
- ✓ Mensuração precisa (quantitativa) de resultados.
- ✓ Generalização de amostras a partir de populações semelhantes.

## ✓ Estudo de Caso 2.2

### PESQUISA EXPERIMENTAL

Uma organização global que vende equipamentos, programas e serviços de internet tem um amplo conjunto de programas de formação internos, cada um deles avaliado formalmente. A empresa quer reduzir o tamanho do orçamento geral para formação usando aprendizagem eletrônica (*e-learning*), mas está preocupada em saber se a eficácia da aprendizagem por esse mecanismo é maior, menor ou igual. A equipe de pesquisa acredita que a aprendizagem eletrônica será um pouco menos eficaz, de forma que tem uma hipótese de trabalho.

Todos os 200 membros de uma amostra representativa recebem um pré-teste sobre o que sabem de um determinado tema. A seguir, o tema é ensinado a 100 participantes por meio de aprendizagem tradicional de sala de aula (o grupo-controle) e a outros 100 participantes por meio de um programa de aprendizagem eletrônica formulado especialmente (o grupo experimental). Todos os funcionários recebem um pós-teste e os escores de aquisição de conhecimentos (as diferenças entre os escores pré-teste e pós-teste) são comparados entre os dois grupos.

Os desenhos de pesquisa experimentais e quase-experimentais serão tratados mais detalhadamente no Capítulo 6.

## Pesquisa fenomenológica

A fenomenologia é uma perspectiva teórica que utiliza métodos relativamente não estruturados de coleta de dados. Uma das vantagens da fenomenologia é que, por sua ênfase estar na coleta indutiva de grandes quantidades de dados, tem maior probabilidade de identificar fatores que não faziam parte do foco original da pesquisa. Ela também é capaz de produzir “**descrições densas**” das experiências ou perspectivas das pessoas em seus ambientes naturais. Porém, muitas vezes se baseia em estudos de caso muito pequenos, causando preocupações sobre sua generalizabilidade a outras situações. Além disso, como geralmente não é estruturada, a pesquisa fenomenológica pode ser difícil de repetir e portanto:

- ✓ Enfatiza a lógica indutiva.
- ✓ Busca as opiniões, as descrições e as interpretações subjetivas dos participantes.

- ✓ Baseia-se nas análises qualitativas dos dados.
- ✓ Não está tão preocupada com generalizações a populações maiores, e sim com descrições e análises contextuais.

A pesquisa fenomenológica será examinada mais profundamente no Capítulo 7.

## Pesquisas de levantamento analíticas

As **pesquisas de levantamento analíticas** tentam testar a teoria em campo, explorando a associação entre variáveis. São altamente estruturadas e enfatizam a seleção aleatória cuidadosa das amostras, para que os resultados possam ser generalizados a outras situações e contextos. Por outro lado, a própria rigidez da estrutura da pesquisa de levantamento pode prejudicar a capacidade dos respondentes de proporcionar informações esclarecedoras da forma como gostariam.

Assim como a abordagem verdadeiramente experimental, as pesquisas de levantamento analíticas enfatizam:

### ✓ *Estudo de Caso 2.3*

#### PESQUISA FENOMENOLÓGICA

Um departamento municipal de polícia passou três anos travando uma “guerra” à prostituição nas ruas em uma das áreas mais pobres da cidade. Como a ofensiva jurídica ainda não surtiu o efeito desejado, o departamento decidiu que o problema precisa ser entendido antes de tentarem novas soluções. Um estudo é encomendado para descobrir por que essas mulheres recorrem à prostituição, quais são as atitudes da comunidade local diante de suas atividades, quais os tipos de clientes que buscam os serviços das mulheres e de onde eles vêm. Três pesquisadoras alugam um apartamento na região por seis meses. Elas não tentam esconder quem são nem o que estão fazendo, e mesmo assim conseguem construir uma relação de confiança com 10 das mulheres. Às vezes, isso ocorre por meio de visitas aos “pontos” onde elas estão trabalhando e outras, com encontros casuais enquanto estão fazendo compras, em bares ou na lavanderia. As pesquisadoras também tiram um tempo para conversar com as pessoas da região sobre o tema, incluindo policiais, com conversas informais em vez de entrevistas formais. A equipe coleta conjuntos de dados que consistem em biografias pessoais detalhadas das mulheres, suas próprias atitudes em relação a seu trabalho e a gama de problemas e questões levantadas por membros da comunidade local. Tendo escrito essas biografias, as pesquisadoras revisitam as mulheres para verificar a precisão de suas transcrições.

### ✓ *Estudo de Caso 2.4*

#### PESQUISAS DE LEVANTAMENTO ANALÍTICAS

Um departamento governamental está cada vez mais preocupado porque o nível de reciclagem de lixo por domicílio não está aumentando, apesar de uma grande campanha publicitária e da instalação de estruturas locais para reciclagem. O departamento encomenda uma pesquisa de levantamento nacional para investigar em cada domicílio contatado:

- ✓ O nível de reciclagem.
- ✓ As atitudes em relação ao meio ambiente.
- ✓ As atitudes em relação à reciclagem de determinados tipos de lixo.
- ✓ O tamanho e a localização do domicílio.
- ✓ A conveniência das estruturas para reciclagem que estão disponíveis.
- ✓ O nível de renda do domicílio.
- ✓ O número de pessoas e crianças por casa.

A pesquisa de levantamento é construída de forma que os níveis de **correlação** (intensidade das relações) entre níveis de reciclagem e as outras variáveis possam ser calculados e analisados. A hipótese em teste é que os níveis de reciclagem têm uma forte correlação positiva com as atitudes do ambiente (determinadas por meio da coleta de dados qualitativos) e uma correlação positiva moderada com o acesso às estruturas locais de reciclagem. Sendo assim, se a hipótese se confirma, as políticas do governo se concentrarão na mudança de atitudes em relação à reciclagem e não no fornecimento de mais estruturas.



- ✓ Uma abordagem dedutiva.
- ✓ A identificação da população da pesquisa.
- ✓ A coleta de uma **amostra representativa** a partir da população.
- ✓ Controle de variáveis.
- ✓ Geração de dados qualitativos e quantitativos.
- ✓ Generalizabilidade de resultados.

As pesquisas de levantamento analíticas serão examinadas mais detalhadamente no Capítulo 9.

- ✓ Envolve pesquisadores e profissionais (ou profissionais como pesquisadores, dentro de sua própria organização).
- ✓ Pode ser altamente estruturada e envolver o uso de grupos experimentais e de controle para testar uma hipótese.
- ✓ Também pode ser bastante não estruturada e usada de forma indutiva (e qualitativa).

Os métodos de pesquisa-ação serão examinados mais detalhadamente no Capítulo 12.

## Pesquisa-ação

A **pesquisa-ação** envolve uma colaboração próxima entre pesquisador e profissionais, e enfatiza a promoção de mudanças dentro de uma organização. Embora a ênfase esteja na busca de informações sobre as atitudes e as perspectivas de profissionais do campo, a forma como os dados são coletados pode envolver métodos quantitativos e qualitativos. O principal meio da pesquisa-ação, contudo, é o estudo de caso ou estudos de múltiplos casos. Em alguns desenhos de pesquisa, podem-se usar estudos de caso experimentais e de controle, emulando, assim, a abordagem experimental. Portanto, a pesquisa-ação:

## Investigação heurística

A **investigação heurística** é um processo que começa com uma pergunta ou um problema que o pesquisador tenta esclarecer ou responder. A própria pergunta costuma estar dirigida a uma questão que postulou um problema *pessoal* e à qual são necessárias respostas. Seu objetivo é “entrar” na pergunta, unificando-se com ela, por meio de investigação aberta, busca autodirecionada e imersão na experiência ativa.

Segundo Moustakas (1990), um dos principais processos da pesquisa heurística é o autodiálogo, no qual o pesquisador entra em uma conversação com o fenômeno e é

### Estudo de Caso 2.5

#### PESQUISA-AÇÃO

Um grupo de 20 professores dá intenso apoio educacional a crianças com necessidades educativas, emocionais e físicas especiais em quatro escolas comunitárias. As conquistas educacionais das crianças com necessidades especiais nessas escolas têm se mantido desanimadoramente baixas com o passar do tempo. Os professores que trabalham com necessidades especiais decidem fazer um estudo com pesquisa-ação usando suas quatro escolas como coorte experimental e outras quatro escolas no distrito como controle. Em conjunto com os outros professores, seus colegas na escola, realiza-se uma série de 10 oficinas inovadoras nas quais as questões são exploradas e se formulam novas soluções, que são priorizadas e algumas implementadas no segundo semestre. Calculam-se aquisições educativas e outros indicadores para crianças das quatro escolas envolvidas no projeto de pesquisa-ação, e se comparam com os das crianças nas outras escolas do distrito (o controle).

questionado por ele. Espera-se que o processo gere autodescobertas, conscientização e mais entendimento. Por meio disso, o pesquisador consegue desenvolver as habilidades e a capacidade de entender o problema em si e, por sua vez, desenvolver entendimento em relação a outras pessoas. Filosoficamente, a investigação heurística não parte da premissa de que existe uma verdade “objetiva” a ser descoberta. Em contraste, parte fenomenologicamente da crença de que o entendimento se desenvolve a partir da experiência humana direta e só pode ser descoberto, inicialmente, por meio da autoinvestigação. A pesquisa heurística, portanto, é autobiográfica, permitindo uma análise profunda e pessoal. É muito descritiva, mas também fortemente subjetiva e sua generalizabilidade é fraca. A pesquisa heurística, assim, envolve o pesquisador em:

- ✓ Realizar um profundo questionamento pessoal do que ele deseja pesquisar.
- ✓ Viver a questão, dormir e fundir-se com ela.
- ✓ Permitir que os movimentos internos de intuição ampliem o entendimento da questão.

- ✓ Revisar todos os dados das experiências pessoais para identificar sentidos tácitos.
- ✓ Formar uma síntese criativa, incluindo ideias a favor e contra uma proposição.

#### ATIVIDADE 2.3

Examine a gama de metodologias de pesquisa descritas acima. Escolha uma que você ache que possa ser válida para seus próprios usos de pesquisa e uma que seja inadequada. Justifique suas escolhas.

## ESCOLHENDO ABORDAGENS E ESTRATÉGIAS DE PESQUISA

Neste capítulo, examinamos algumas das filosofias de pesquisa, duas abordagens à pesquisa (indutiva e dedutiva) e, no contexto de objetivos de busca da verdade e perspectiva, algumas metodologias de pesquisa (experimental, pesquisa de levantamento, fenomenológica, etc.).

### *Estudo de Caso 2.6*

#### PESQUISA HEURÍSTICA

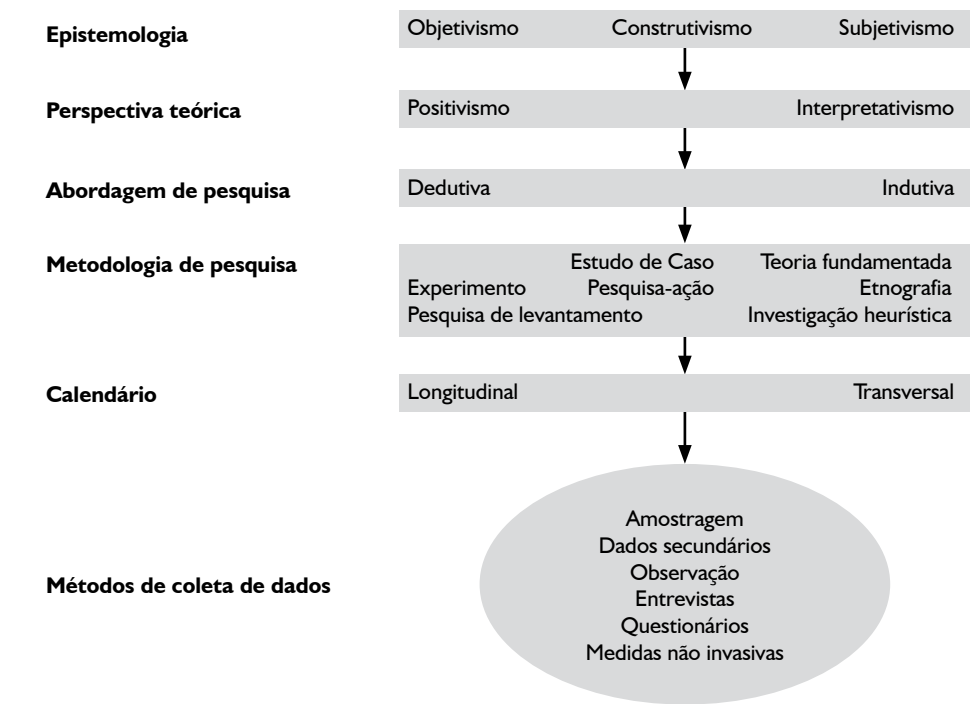
O diretor de operações de uma empresa descobre que foi preterido na promoção a diretor-executivo pela terceira vez. Em uma tentativa de entender por que isso aconteceu, ele aborda a presidente, que teve muita responsabilidade nessa decisão, e lhe pergunta se ela participaria com ele de um projeto de pesquisa heurística para revelar as razões por trás da decisão. Inicialmente, a presidente reluta porque acredita (corretamente) que o processo revelará alguns de seus pensamentos confidenciais, mas acaba concordando porque entende que o processo de trabalhar em conjunto pode formular para ela as qualidades que ela está procurando em um diretor-executivo. O diretor de operações, que ocupa a função de pesquisador, começa com uma profunda reflexão pessoal sobre o que quer atingir com a pesquisa. A seguir, por meio de uma série de discussões abertas e francas com a presidente, trabalha seus sentimentos em relação a seu cargo atual, seus sucessos e fracassos em diversos projetos, suas expectativas em relação à presidente e as dela em relação a ele. No decorrer de cinco reuniões, ele começa a entender que não foi barrado por causa de preconceito, e sim de um sentimento (compartilhado por outros membros da diretoria) de que ele é um excelente diretor de operações, mas carece de visão *estratégica* para ser diretor-executivo. Por meio de um processo de explicação (o exame integral da consciência desperta), ele começa a entender que essa análise provavelmente está correta.

Agora, precisamos uni-las em uma estrutura coerente (ou o mais próximo que conseguirmos disso) e acrescentar um horizonte temporal e métodos de coleta de dados. Observe que esses métodos estão sendo discutidos por último (ver a Figura 2.3). Pesquisadores novatos podem ser tentados a começar com o desenho, digamos, de um questionário, para que os dados possam ser coletados sem demora, mas a Figura 2.3 mostra que outras etapas devem ser tratadas antes.

Conectando os elementos de pesquisa

Como vimos antes, é aconselhável começar refletindo sobre a epistemologia. À primeira vista, isso pode parecer um tanto irrele-

vante, mas sua abordagem à pesquisa e os métodos que você usa podem ser influenciados por achar, ou não, que é possível (ou desejável) tentar mensurar uma “verdade” objetiva ou que o mundo real não pode ser mensurado dessa forma. Como vimos, a perspectiva teórica do interpretativismo considera o mundo demasiado complexo para ser reduzido a um conjunto de “leis” observáveis. A generalizabilidade é menos importante do que entender os mecanismos reais que estão por trás da “realidade”. Com seu tópico de pesquisa em mente, você provavelmente saberá se quer mensurar e generalizar a uma população mais ampla ou buscar “descrições densas” pela coleta de dados qualitativos. Outra opção é que sua abordagem inclua elementos de ambos. Sendo assim, a Figura 2.3 não ilustra um muro divisório entre epistemologias



✓ **FIGURA 2.3**  
Os elementos do processo de pesquisa (adaptado de Saunders et al., 2007).

e perspectivas, e sim um passagem gradual de umas a outras.

Também temos acesso a uma série de metodologias de pesquisa. A Figura 2.3 mostra deliberadamente a metodologia experimental abaixo do lado do diagrama referente a dedutiva/positivismo. Por outro lado, a pesquisa-ação foi situada mais em direção a indutiva/interpretativismo. No entanto, é perigoso categorizar as metodologias de pesquisa em relação a abordagens e filosofias específicas. A pesquisa-ação, por exemplo, pode incorporar uma abordagem qualitativa e indutiva, com ênfase na busca das visões e perspectivas dos participantes. Igualmente, pode usar, digamos, uma série de estudos de caso envolvendo uma intervenção com uma série de grupos, com outros sendo usados como controle, em outras palavras, uma metodologia experimental. A Figura 2.3 ilustra algumas tendências amplas que não deveriam ser interpretadas como relações concretas. O que é importante é que, sejam quais forem, a filosofia, a abordagem e a metodologia que adotar para sua pesquisa, elas devem ser capazes de justificar sua combinação em relação a sua filosofia de pesquisa e sua(s) pergunta(s) de pesquisa.



### *Dica Quente 2.2*

Ao planejar um projeto de pesquisa, nunca comece decidindo qual ferramenta de coleta de dados ou abordagem usar, e sim pela identificação de o que está realmente tentando pesquisar. Relacione essa questão a sua apreciação e compromisso a uma ou mais das posturas epistemológicas discutidas acima. Se você chegar na escolha das ferramentas de coleta de dados próximo ao final de seu processo de planejamento, deve estar no caminho certo.

## **Calendários de pesquisa**

Ao planejar sua pesquisa, você geralmente tem algum tipo de ideia do tempo que tem

disponível. Se for pouco, provavelmente terá que adotar um **estudo transversal**, usando uma abordagem típica de “fotografia”, onde os dados são coletados em um momento. Os estudos transversais costumam usar metodologia de pesquisa de levantamento. Por exemplo, podem querer mensurar atitudes dos funcionários com relação à introdução de novas práticas de trabalho ou comparar índices de criminalidade com relação a determinados crimes entre diferentes cidades. A maioria dos estudos é transversal, principalmente em função das pressões de tempo e recursos.

Se seu calendário é mais generoso, pode ser possível realizar um **estudo longitudinal**, estudando mudanças e desdobramentos com o passar do tempo. Tomando nosso exemplo acima, um estudo longitudinal de práticas de trabalho pode examinar mudanças nas atitudes dos funcionários com o passar do tempo, observando atitudes antes da introdução de novas práticas e, posteriormente, em vários momentos depois dela.

Igualmente, os índices de criminalidade podem ser estudados para se identificar onde eles estão aumentando e diminuindo, permitindo aos pesquisadores começar a identificar fatores explicativos, como transformações demográficas, condições sociais e métodos de policiamento.

## **Estudos exploratórios, descritivos, explicativos e interpretativos**

Embora, até aqui, tenhamos classificado os estudos em função de sua metodologia de pesquisa, eles também podem ser classificados segundo seu propósito. Como explica Robson (2002), há três formas possíveis de estudo: exploratório, descritivo e explicativo. A esses Maxwell (1996) acrescenta um quarto tipo: o dos estudos interpretativos. Punch (2000) sustenta que para uma área de pesquisa relativamente nova ou inexplorada, os estudos descritivos podem ser adequados, mas para áreas de pesquisa já bem trabalhadas, onde já haja uma gama de informações descritivas, aconselha-se uma abordagem mais explicativa.

### **Estudos exploratórios**

Como o nome indica, os estudos exploratórios buscam explorar o que está acontecendo e fazer perguntas a respeito. São especialmente úteis quando não se sabe o suficiente sobre um fenômeno. Portanto, um estudo exploratório pode ajudar a decidir se vale a pena pesquisar a questão ou não. Como sugerem Saunders e colaboradores (2007), os estudos exploratórios podem ser realizados:

- ✓ Fazendo busca na literatura.
- ✓ Conversando com especialistas no campo.
- ✓ Realizando entrevistas com grupos focais.

Tendo estabelecido os principais constructos ou focos de um estudo, pode ser possível realizar pesquisa explicativa ou interpretativa.

### **Estudos descritivos**

Segundo Hedrick e colaboradores (1993), o propósito de um estudo descritivo é proporcionar um quadro de um fenômeno como ele ocorre naturalmente. Na verdade, isso pode ser puramente descritivo (p. ex., o nível e a natureza da criminalidade entre jovens de 16 a 21 anos). Também pode incluir um estudo normativo, comparando os dados em relação a algum padrão (p. ex., comparando o uso de drogas com padrões legais ou a classificação das drogas para avaliar a gravidade do crime). Os estudos descritivos buscam “desenhar um quadro” de uma situação, pessoa ou evento, ou mostrar como as coisas estão relacionadas entre si.

Como apontam Blumberg e colaboradores (2005), uma das fragilidades dos estudos descritivos é não conseguir explicar por que um evento ocorreu.

### **Estudos explicativos**

Um estudo explicativo se dispõe a explicar e a examinar informações descritivas. Portanto, embora os estudos descritivos possam

fazer perguntas do tipo “o que”, os estudos explicativos procuram responder a pergunta do tipo “por que” e “como”. Essa distinção entre a pesquisa descritiva e a explicativa se aplica igualmente à pesquisa quantitativa e à qualitativa.

Alguns estudos também podem ser de natureza correlacional, com a ênfase na descoberta de relações causais entre variáveis. Assim, pode-se determinar a relação entre o uso de drogas e outras variáveis como classe social, emprego, atitudes em relação às drogas, etc.

### **Estudos interpretativos**

Os estudos interpretativos procuram explorar as experiências das pessoas e suas visões e perspectivas sobre essas experiências. Geralmente, são de natureza indutiva e muitas vezes estão associados a abordagens qualitativas à coleta e à análise de dados.

## **Usando múltiplos métodos**

Grande parte da discussão até agora tendeu a oferecer uma dicotomia de abordagens – indutiva ou dedutiva, experimental ou estudo de caso, transversal ou longitudinal. Na prática, todavia, muitas vezes serão usados vários métodos. Uma razão é que os projetos de pesquisa geralmente incluem uma série de distintas perguntas de pesquisa, de modo que o método adequado a uma pergunta pode ser inadequado a outra. A segunda razão para usar múltiplos métodos é que isso possibilita a **triangulação**. Easterby-Smith e colaboradores (2002) se referem à triangulação de dados como a coleta em diferentes momentos ou de diferentes fontes. Essa abordagem é típica de desenhos transversais. A triangulação metodológica também é possível com o uso de uma combinação de métodos, como estudos de caso, entrevistas e pesquisas de levantamento: todos os métodos têm seus pontos fortes e fracos. Sendo assim, o uso de múltiplos métodos ajuda não apenas na triangulação de dados, mas também a equilibrar as potenciais fraquezas

em cada um dos métodos de coleta de dados. No entanto, sejam quais forem os métodos usados, em última análise, o argumento de Oakley é sólido: “*Todos os métodos devem ser abertos, aplicados com constância*

e passíveis de repetição por outras pessoas” (1999, p. 252, grifo da autora). Essas abordagens de múltiplos métodos à pesquisa são discutidas com mais detalhes no Capítulo 8, “Desenho de pesquisa: Métodos mistos”.

## **Resumo**

- ✓ O paradigma de pesquisa dominante durante grande parte do século XX foi o positivismo, mas, hoje, pelo menos nas ciências sociais, foi substituído em muito por posturas antipositivistas ou pós-positivistas, como o interpretativismo.
- ✓ Por meio da abordagem indutiva, os dados são acumulados e analisados para ver se surgem relações entre as variáveis. A hipótese é operacionalizada e testada, e é aceita ou rejeitada com base nas evidências.
- ✓ Os métodos indutivos e dedutivos não são excludentes entre si. Um pesquisador pode transformar uma coleta de dados em um conjunto de conceitos, modelos ou mesmo teorias (abordagem indutiva) que será testado por meio da experimentação (dedutiva).
- ✓ As abordagens à pesquisa incluem métodos de busca da verdade e busca de perspectiva. Os métodos de busca da verdade tendem a adotar abordagens mais experimentais ou quase-experimentais. Os métodos de busca de perspectiva tendem a ser mais interpretativistas (p. ex., fenomenológicos) e a gerar dados qualitativos. Essas reações devem ser tratadas como tendências em vez de leis.
- ✓ A escolha de abordagens à pesquisa envolve a adoção de uma filosofia de pesquisa, bem como de uma abordagem e uma metodologia. Na prática, a pesquisa costuma demandar o uso de múltiplos métodos para atingir a triangulação.

## **Leituras complementares**

Paul, J. (2004) *Introduction to the Philosophies of Research and Criticism in Education and the Social Sciences*. London: Prentice Hall. Um livro abrangente que trata de nove filosofias de pesquisa, como o pós-modernismo, o construtivismo, o interpretativismo e o pós-estruturalismo.

Cohen, L. and Manion, L. (2000) *Research Methods in Education*, 5th edn. London: Routledge. Ver, principalmente, o Capítulo 1, “The Nature of Inquiry”.

Crotty, M. (1998) *The Foundation of Social Research: Meaning and Perspectives in the Research Process*.

London: Sage. Oferece uma descrição e uma explicação muito acessíveis das principais posturas epistemológicas e como elas se originaram.

Scheurich, J.J. (1997) *Research Methods in the Post-modern*. London: Falmer. Oferece uma introdução a como o pós-modernismo pode ser aplicado à crítica de uma ampla gama de abordagens de pesquisa e descreve as implicações do pós-modernismo para a prática.

Reinharz, S. (1992) *Feminist Methods in Social Research*. New York: Oxford University Press. Trata de abordagens como etnografia, pesquisa de levantamento, pesquisa experimental, estudos de caso e pesquisa-ação, todos de uma perspectiva feminista.

Encerra aqui o trecho do livro disponibilizado para esta Unidade de Aprendizagem. Na Biblioteca Virtual da Instituição, você encontra a obra na íntegra.